



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL 30 e 31 de agosto de 2018

CAINDO DE PARAQUEDAS: PRIMEIRAS ENTREVISTAS CLÍNICAS DE UM PSICOTERAPEUTA APRENDIZ

Andréa Kioko Sonoda Gomes
Profa. Dra. Maria Elizabeth Barreto Tavares dos Reis
andreakioko@yahoo.com.br
bethtavaresreis@gmail.com

Universidade Estadual de Londrina

Resumo

O objetivo deste trabalho consiste em refletir sobre a importância das entrevistas iniciais para o psicoterapeuta-aprendiz sob a perspectiva psicanalítica. Para tanto, serão apresentados fragmentos de uma entrevista realizada com uma psicoterapeuta aprendiz, analisados a partir de escritos de Freud e autores contemporâneos. Os resultados deste estudo apontam para a necessidade de uma maior reflexão sobre o tema, considerando não apenas a relevância das entrevistas iniciais com o paciente atendido na clínica psicanalítica, mas também o quanto os primeiros atendimentos se constituem como momentos de dificuldades para o aluno em formação.

Palavras-chave: Entrevistas Iniciais; Psicoterapia Psicanalítica; Psicoterapeuta Aprendiz.

Introdução

O que representam as primeiras entrevistas na clínica psicanalítica? Como as particularidades deste primeiro encontro repercutem no psicoterapeuta aprendiz? De que maneira este contato inicial, em sua potência e estranheza, revelam possibilidades de construção de vivências psíquicas? As reflexões sobre estas questões apresentam caminhos diversos, podendo ser equacionadas sob a ótica teórico-metodológica psicanalítica. Porém, tal percurso será também delineado focalizando a importância das entrevistas iniciais para o psicoterapeuta em formação. Denominadas inicialmente por Freud (1913), como “análise de prova” ou “tratamento de ensaio”, as primeiras entrevistas eram compreendidas como um período probatório, fixando-se em algumas semanas, com dois objetivos: ligar o paciente ao tratamento e à pessoa do analista, bem como o estabelecimento de um diagnóstico, diferenciando-o entre neurose e psicose. Assim, este período antecedia o início do



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL **30 e 31 de agosto de 2018**

tratamento propriamente dito, embora já fosse parte integrante de um início de análise devendo, pois, condizer com as regras da associação livre.

A extensão das modificações sobre o tema e sua importância transcorreram de acordo com o próprio desenvolvimento da psicanálise. Deste modo, observam-se desde mudanças em sua nomenclatura original, sendo atualmente designadas por entrevistas preliminares, primeiras entrevistas, encontro analítico inicial, até ampliações relativas à epistemologia deste constructo (Ferraz, 2012).

Ainda que o precursor da psicanálise concebesse a necessidade de uma certa maleabilidade da técnica no tratamento de ensaio, opondo-se sobretudo a uma mecanização desta, diante da “diversidade extraordinária das constelações psíquicas” (Freud, 1913, p. 121), os aspectos relacionados à resistência dos pacientes são fortemente evidenciados ao longo de seu texto *Sobre o início do tratamento*. Por outro lado, conforme o campo do saber que constitui a psicanálise foi se transformando, incluindo os conhecimentos advindos sobre a contratransferência e focalizando os afetos provocados no analista pelo analisando (Gerchmann, 2012) o tema das entrevistas iniciais passa a ser objeto de novas reflexões, pela potencialidade deste acontecimento para o desenvolvimento de uma análise (Assis, 2012).

Certamente as contribuições de Winnicott, Racker, Heimann, assim como Ogden, Green e tantos outros contemporâneos a Freud muito tem colaborado para a compreensão da abrangência do termo (Gerchmann, 2012). Apesar das dissonâncias e convergências inerentes às linhas teóricas, as entrevistas iniciais passam a fazer parte integrante na compreensão de outras facetas deste fenômeno, priorizando a singularidade atribuída a este encontro com o outro - acima de tudo inconsciente – em uma relação que é sobretudo intersubjetiva.

Assim como Freud (1913) advertiu os momentos iniciais na clínica podem comprometer os finais e, tal como as múltiplas estratégias de um jogo de xadrez, o psicoterapeuta inaugura com sua movimentação inconsciente a possibilidade para que ocorram transformações no que poderá vir a ser um processo psicanalítico. O presente estudo visa refletir sobre a importância das entrevistas iniciais para o psicoterapeuta-aprendiz sob a perspectiva psicanalítica. Tal análise mostra-se pertinente, principalmente no contexto de formação acadêmica, nos quais o estudante



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL

30 e 31 de agosto de 2018

de psicologia nem sempre se encontra preparado para os fenômenos inerentes ao campo psíquico, considerando toda a complexidade e particularidades das dimensões intra e interpessoais.

Procedimentos metodológicos

Trata-se de um estudo qualitativo, cujo material clínico foi proveniente de uma entrevista, realizada com uma estudante do último semestre de graduação de uma universidade pública, que realizava atendimentos psicoterapêuticos na referida instituição. A entrevista foi transcrita e foram selecionados alguns fragmentos da mesma para análise fundamentada na literatura psicanalítica sobre o tema.

Resultados e Discussão

Foram observados alguns elementos importantes presentes nas vivências das entrevistas iniciais relatadas pela psicoterapeuta aprendiz. A discente iniciara seus atendimentos clínicos não obrigatórios no quarto ano de graduação, pelo enfoque da psicoterapia familiar e durante aproximadamente um ano e meio participara como ouvinte das supervisões. Inserida na graduação, relata que não tinha uma ideia de clínica, de consultório, afirmando ter caído “*meio de paraquedas*”. Passado este período como espectadora, começa seus atendimentos clínicos como estagiária do serviço-escola. O primeiro atendimento é referido como uma experiência tranquila, no qual a permanência na área clínica foi corroborada inclusive pela presença anterior nas supervisões. No entanto, quando questionada especificamente sobre as emoções vivenciadas neste primeiro atendimento, refere ter experienciado uma grande ansiedade, principalmente pelo fato de nunca ter atendido uma família e tal fato se constituir por um evento totalmente novo e desconhecido. A inserção do aluno à realidade da clínica feita por etapas é uma possibilidade de prática pedagógica que muito contribui para o “desenvolvimento de sua capacidade emocional de voltar-se ao outro” (Ribeiro, Tachibana & Aiello-Vaisberg, 2008, p.142). Tal postura possibilita que atendimentos iniciais se configurem como uma experiência profícua para o psicólogo aprendiz, uma vez que a supervisão se constitui como espaço transicional para este momento inicial da vivência clínica.



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL 30 e 31 de agosto de 2018

Referindo-se ao primeiro atendimento em psicoterapia psicanalítica individual, no período de estágio obrigatório curricular, a entrevistada relata uma mistura de sentimentos, nos quais a dificuldade de compreender o caso a deixava em um estado de confusão, as associações livres perdiam-se e a angústia deste momento inicial acabou predominando no *setting* clínico. O embate na experiência clínica serviu como mola propulsora para que a estagiária refletisse sobre a relação contratransferencial percebida, mobilizando-a a trabalhar estes elementos também em sua análise pessoal e estudar mais sobre o caso clínico. Os seguintes trechos da entrevista exemplificam este momento: *“Ah, os primeiros atendimentos...Foi extremamente difícil, porque nada do que eu penso hoje eu pensava assim...Mudou o meu pensamento em relação à paciente, ao caso, antes eu não tinha essa ideia. Eu ia atendendo, atendendo e atendendo e acabava não tendo assim um parâmetro de ler texto. Não tinha o tempo, não lia. Aí eu comecei a ver, se eu não começar a ler mais sobre...sabendo que essa paciente é um pouco borderline, eu não vou conseguir atender. Porque daí se mistura o meu sentimento do dela. E aí eu não consigo ver a teoria, não consigo ver o que ela tem me trazido também desses aspectos”*. Neste caso, diante da confusão vivenciada, a escuta da psicoterapeuta-aprendiz torna-se distorcida, não percebendo o quanto o movimento inconsciente presente nas entrevistas iniciais seria profícuo para a compreensão do caso, sendo isto percebido somente *a posteriori*. Fato que levou a psicoterapeuta a refletir sobre a necessidade de aprofundar o conhecimento teórico além de participar das supervisões clínicas: *“eu atendi só nas supervisões, não lendo nada e daí foi me dando uma confusão na minha cabeça...ela fazia esse movimento meio doido comigo”*.

A intensidade da interação entre paciente e psicoterapeuta, incluindo os movimentos transferenciais e contratransferenciais, que emergem no momento anterior ao atendimento clínico propriamente dito, até o encontro face a face é apontado por diversos autores como elementos essenciais a serem valorizados nas entrevistas iniciais (Caligiuri, 2012; Ferraz, 2012; Gerchmann, 2012). A amplitude e riqueza desta interação é percebida, neste caso, pela psicoterapeuta-aprendiz como impasses diante do desconhecido, não havendo para ela uma correlação entre o funcionamento psíquico da paciente e o movimento das entrevistas iniciais (Ferraz,



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL

30 e 31 de agosto de 2018

2012). Sendo capturada por este funcionamento, a aprendiz justifica a necessidade de embasar-se mais teoricamente, julgando que deste modo evitaria ser surpreendida pelo outro, não permitindo para si mesma a construção de qualquer significado analítico neste momento inicial (Caligiuri, 2012).

Conclusões

A compreensão da magnitude das entrevistas iniciais em um contexto acadêmico sinaliza que reflexões sejam feitas no âmbito epistemológico, de acordo com os avanços na teoria psicanalítica desde os tempos de seu fundador. Tal raciocínio, feito com ponderação, mas acima de tudo priorizando a constante indagação, tem produzido novos sentidos, provenientes da imprevisibilidade de seu objeto de estudo que é o inconsciente, como operador de importantes progressos na teoria psicanalítica. Deste modo, ampliar o conhecimento sobre este tema no âmbito acadêmico, focalizando o psicoterapeuta-aprendiz torna-se pertinente, uma vez que esta reflexão atinge diretamente aquele, que por ventura, trilhe o caminho de um encontro com o outro.

Referências

- Assis, M.B.A.C. (2012). Primeiro encontro com o analista: campo potencial para o desenvolvimento da análise. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 46(4), 70-82.
- Caligiuri, E.S.C. (2012). A criança e o psicanalista. Acontecimentos iniciais. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 46(4), 35-47.
- Ferraz, F.C. (2012). As entrevistas iniciais e a escolha da técnica. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 46(4), 48-56.
- Freud, S. (1913). Sobre o início do tratamento: novas recomendações sobre a técnica da psicanálise (1913). *Edição Standart Brasileira das Obras Completas*, 12, 87-163.
- Gerchmann, A. (2012). Primeiras entrevistas: qual é a demanda?. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 46(4), 57-69.
- Ribeiro, D. P. D. S. A., Tachibana, M., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2008). A experiência emocional do estudante de psicologia frente à primeira entrevista clínica. *Aletheia*, (28), 135-145.